



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Licenciatura em História

Trabalho de Fim do Curso

**Museu Nacional de Arte: Construção da Memória, Cultura e
Identidade Moçambicana (1989-2010)**

Autor: Júlio Constantino Cossa

Maputo, Março de 2025



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Licenciatura em História

Trabalho de Fim de Curso

**Museu Nacional de Arte: Construção da Memória, Cultura e
Identidade Moçambicana (1989-2010)**

Constituição do Júri

Paulo Lopes José Samboco, PhD

José Cláudio Mandlate, MA

Maputo, Março de 2025

**Museu Nacional de Arte: Construção da Memória, Cultura e Identidade
Moçambicana (1989-2010)**

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção de grau
de licenciatura em História na Universidade Eduardo Mondlane

Júlio Constantino Cossa

Departamento de História
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Universidade Eduardo Mondlane

Maputo, Março de 2025

Índice

Declaração.....	vii
Dedicatória.....	viii
Agradecimentos	ix
Epígrafe	x
Resumo	xiii
Abstract.....	xiii
Palavras-Chave	xiii
Siglas.....	xiii
Cronologia.....	xiv
CAPÍTULO I : INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Estrutura do trabalho.....	1
1.2. Objectivos	2
1.2.1. Objectivo Geral.....	2
1.2.2. Objectivos específicos	2
1.3. Problemática	2
1. 4. Pergunta de partida	4
1. 5. Argumento	4
1. 6. Revisão da Literatura	4
1. 6. 1. Mémoire.....	5
1. 6. 2. Cultura.....	5
1. 6. 3. Identidade.....	5
1. 7. Justificativa.....	6
1. 7. 1. Balizas cronológicas	7
1. 8. Metodologia	7

1. 9. Procedimentos da pesquisa.....	7
CAPÍTULO II: ANTECEDENTES HISTÓRICOS NO PERÍODO COLONIAL E PÓS- INDEPENDÊNCIA EM MOÇAMBIQUE	
2. 1. Período Colonial	8
2. 2. Pós-Independência (1975)	8
2. 3. Ofensiva Cultural e Criação do INAC (1977)	8
CAPÍTULO III: CRIAÇÃO DO MUSEU NACIONAL DE ARTE (MUSART).....	
3. 1. Propostas para primeiras exposições	10
3. 2. Critérios de selecção	11
3. 3. Início das exposições no Museu Nacional de Arte	12
3. 3. 1. Exposição Permanente	12
3. 3. 2. O primeiro piso da exposição permanente.....	13
3. 3. 3. O segundo piso da exposição permanente	14
3. 3. 4. As exposições temporárias.....	15
3. 3. 4. 1. Anual TDM e Biena o Concurso	16
CAPÍTULO IV: TRANSFORMAÇÕES NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA EM MOÇAMBIQUE NAS DÉCADAS DE 80 Á 90	
4. 1. Arte na sociedade tradicional.....	18
4. 2. Arte no tempo colonial.....	19
4. 3. Arte contemporânea	19
CAPÍTULO V: DESAFIOS ENFRENTADOS NA CONSTRUÇÃO DA MÉMORIA, CULTURA E IDENTIDADE NO MUSEU NACIONAL DA ARTE.....	
5. 1. Garantir a sistematização e integração das iniciativas culturais nos âmbitos provincial e distrital para divulgação no Museu Nacional de Arte.....	20
5. 2. Limitação do espaço físico.....	20

5. 3. A necessidade de receber exposições estrangeiras no Museu Nacional de Arte e de organizar exposições moçambicanas no exterior.....	20
5. 4. A representação da exposição de arte Makonde em Paris em 1989	21
CAPÍTULO VI: ESTRATÉGIAS DO MUSEU NACIONAL DE ARTE PARA AS TRANSFORMAÇÕES NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA	22
6. 1. Adaptação do Museu ao desenvolvimento de novas práticas artísticas.....	22
6. 2. Utilização de novos materiais e formas de produção das artes plásticas	22
6. 3. Mobilização de artistas makonde na criação de obras	22
6. 4. Incitação de novos talentos com apoio da Escola de Artes Visuais	23
CAPÍTULO VII: ESTRATÉGIAS DO MUSEU NACIONAL DE ARTE PARA CONSTRUIR A MEMÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE MOÇAMBICANA	24
7. 1. Promoção da Coleção das TDM nas exposições	24
7. 2. Aquisições e doações	24
7. .3. Exposições temporárias e anuais	24
7. 4. Promoção da diversidade artística	25
7. 5. Valorização da arte contemporânea	25
7. 6. Preservação e restauração do patrimônio artístico.....	26
7. 7. Contraste entre passado e presente na exposições	26
7. 8. Integração de arte tradicional e contemporânea.....	27
7. 9. Parceria entre instituições culturais	27
CAPÍTULO VIII: CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	30
Anexos	34

Declaração

Declaro que este trabalho nunca foi apresentado, para obtenção de qualquer grau acadêmico, e que constitui o resultado da minha investigação pessoal, por essa razão estão indicadas no texto as fontes que foram usadas.

Dedicatória

Este trabalho é dedicado, em primeiro lugar, aos meus pais Elisa Fernando Cavel e Constantino Felipe Cossa, meus irmãos Euquete Constantino Cossa e Helena Constantino Cossa. Em segundo lugar, a minha avó Olívia Malhavate, que Deus guarde a sua alma vovó, e a minha sobrinha Flóra Helena Cossa.

Agradecimentos

Este trabalho resultou da unificação de várias forças, obviamente, sozinho não teria força suficiente para chegar ao seu remate, portanto, indereço os meus agradecimentos a todos que prestaram-me a sua contribuição ao longo destes quatro anos.

Primeiramente a Deus pela vida e por ter me protegido durante este percurso. E a minha família, por terem feito um “*bom combate*” desde os tempos remotos a minha existência, e sobretudo na minha educação e formação, dizer que esse resultado reflete as suas batalhas “*Mamã*” Elisa.

Ao meu cunhado Ilídio Chongola, que para além de me dar força, desenvolveu um papel de atalaia em prol do meu desenvolvimento fazendo-me acreditar ser possível chegar a esse momento. Meus amigos: Isaías Manjate e Samuel Tembe, pelo apoio e conselhos que me prestaram.

Aos Docentes por cada aula, conselho, crítica e incentivo ao longo de todos estes anos, hedificado-me com habilidades, competências e responsabilidades adquiridas nesse processo, em especial os que fizeram parte deste trabalho: Doutor José Paulo Lopes, Doutor Marlino Eugénio Mubai e Mestre José Cláudio Mandlate.

Meus colegas do curso de história, principalmente a turma de 2021, em especial as colegas Delfina Langa, Gilda Chaúque e Núria Cumba, pelo seu empenho e vocação pelo conhecimento, dizer que mais do que colegas, a academia nos tornou família nesses quatro anos.

A equipe do Museu Nacional de Arte, especialmente os Senhores: João Atibo, Nelson Mondlane, Cândido Fulige, Dionísio Mula, Alves Maloja, por terem partilhado comigo o seu espaço de trabalho e suas experiências. E também, ao director do Museu Nacional de Arte, Sr. Marcos Fernando, que mediou contacto para o meu encontro com Sr. Jorge Dias, a quem também indereço o meu agradecimento, sobretudo, pela oferta dos três catálogos no dia da entrevista.

A Doutora Alda Costa, por ter dedicado o seu precioso tempo, partilhando a sua experiência e recomendações de livros que permitiram-me explorar ainda mais o campo das artes plásticas em Moçambique.

Aos funcionários da Biblioteca Brazão Mazula, Biblioteca da Escola de Arte Visuais, Biblioteca do Banco de Moçambique e do Arquivo Histórico de Moçambique.

Por fim, a cineasta sérvia Mila Turajilic e todos cujo os nomes e títulos não foram aqui citados, mas que de alguma forma apoiaram-me ao longo da minha formação, “*na mi tlhanguela*” Kanimambo.

Epígrafe

“Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem. Porque por ela os antigos alcançaram testemunho”.

Hebreus 11: 1-2



Figura 1: Museu Nacional de Arte, Maputo.

Fonte: Google

Resumo

Entre 1989 e 2010, o Museu Nacional de Arte de Moçambique desempenhou um papel crucial na promoção da Memória, Cultura e Identidade moçambicana. A partir de sua inauguração oficial em 1989, o Museu consolidou-se como um patrimônio para a valorização da diversidade cultural e das tradições artísticas nacionais. Durante este período, enfrentou desafios com algumas transformações na produção artística moçambicana e as limitações de recursos para preservar e expor as obras. Por meio de iniciativas estratégicas, o Museu adaptou-se às mudanças, promovendo exposições, investindo na formação de artistas e reforçando a pesquisa sobre o patrimônio artístico. O período também foi marcado por esforços em harmonizar tradições e modernidade, utilizando a arte como meio de reflexão e afirmação da identidade nacional em um contexto de transformação política e social.

Abstract

Between 1989 and 2010, the National Museum of Art of Mozambique played a vital role in promoting Mozambican Memory, Culture, and Identity. Officially inaugurated in 1989, the museum became a heritage for valuing cultural diversity and national artistic traditions. During this period, it faced challenges such as the constant transformation of Mozambican artistic production and resource limitations for preserving and exhibiting artworks. Through strategic initiatives, the museum adapted to changes by promoting exhibitions, investing in artist training, and strengthening research on artistic heritage. This era was also marked by efforts to harmonize tradition and modernity, using art as a means to reflect and affirm national identity in a context of political and social transformation.

Palavras-Chave: Museu, Memória, Cultura e Identidade

Siglas

ACLA: Associação Cultural Lhuvuka Arte

AHM: Arquivo Histórico de Moçambique

ARPAC: Arquivo do Patrimônio Cultural

CEB: Centro de Estudos Brasileiros

CNPVC: Campanha Nacional de Preservação e Valorização da Artes e Cultura

DTIP: Departamento de Trabalho Ideológico do Partido

FRELIMO: Frente de Libertação de Moçambique

IGAIP: Instituto Goiano da Associação Indo-Portuguesa

INAC: Instituto Nacional de Cultura

MUSART: Museu Nacional de Arte

MNA: Museu Nacional de Arte

OC: Ofensiva Cultural

PRNMA: Primeira Reunião Nacional de Museus e Antiguidades

PRNC: Primeira Reunião Nacional de Cultura

TDM: Telecomunicações de Moçambique

Cronologia

1975: Independência de Moçambique

1977- Realização da Reunião Nacional de Cultura, discutindo o papel da cultura no processo revolucionário.

1977- Implementação do projeto de criação do Museu Nacional de Arte (MUSART).

1977- Lançamento da Ofensiva Cultural que abrangue várias formas de arte, como música, dança, teatro popular e literatura, com o objetivo de criar oportunidades e incluir os anteriormente excluídos.

1977- Criação do Instituto Nacional de Cultura (INAC).

1978- Primeira reunião nacional de Museus e antiguidades na Ilha de Moçambique.

1983- Criação da Secretaria de Estado da Cultura pelo Decreto Presidencial nº 84; Criação do ARPAC para assegurar o destino dos documentos recolhidos durante a Campanha Nacional de Preservação e Valorização da Cultura (1978-1982).

1986- Criação do Ministério da Cultura, separando-o do Ministério da Educação.

1987- Comemoração do primeiro centenário da Cidade de Maputo.

1988- Publicação do Diploma Ministerial nº 76 e 77/88, de 18 de maio, resultando na revogação da portaria de Educação nº 365/77 de 4 de outubro, separando formalmente os setores de Educação e Cultura.

1988- Criação de serviços provinciais e distritais de cultura para realizar e controlar a aplicação unitária da política cultural.

1989- Inauguração oficial do Museu Nacional de Arte a 18 de maio.

1991- Primeira edição da exposição colectiva, hoje mais conhecida como Anual.

1992- Apresentação da exposição temporária que era em parte a proposta anterior com desenho e gravura de Dana Michahelles e José Júlio.

1992-Mostra de pintura portuguesa do período anterior à independência, da colecção do Museu Nacional de Arte.

1996- Aprovação do estatuto orgânico do Museu Nacional de Arte pelo Decreto nº 20/96, de 11 de Junho.

1997- O Governo criou a Política Cultural de Moçambique e a estratégia de sua implementação, estabelecendo prioridades na acção cultural como pesquisa socio-cultural, preservação e divulgação do património cultural, criação e interpretação artísticas, entre outras.

1999-Expo anual MUSART de 30 de Julho a 31 de Agosto.

2003- Exposição arte contemporânea.

2005-Exposição Arte marcada no feminino.

2008-Discurso do Presidente Armando Emílio Guebuza que enfatizava a cultura como fonte de auto-estima, unidade nacional e promoção do bem-estar no Festival Nacional de Cultura na Província de Gaza.

2008- Exposição Anual.

CAPÍTULO I : INTRODUÇÃO

Após a independência de Moçambique em 1975, o Estado moçambicano exerceu esforços para preservar o património cultural. Em 1977, na Reunião Nacional de Cultura, decidiu-se a recuperação de edifícios, como a ex-Casa da Associação Goe, e a criação de espaços culturais geridos pelo Ministério da Cultura. Esses espaços promoviam cursos de artes e a valorização da cultura nacional em bairros, aldeias e distritos, com manifestações alinhadas à construção do "homem novo".¹

Em 1983, a criação da Secretaria de Estado da Cultura, vinculada ao Conselho de Ministros, fortaleceu instituições como museus e bibliotecas e incentivou a produção cultural. Paralelamente, a **Campanha** Nacional de Preservação e Valorização da Cultura (1978-1983) registrou tradições e aspectos culturais de várias regiões, e os documentos foram preservados pelo Arquivo do Património Cultural (ARPAC).²

1. Estrutura do trabalho

O presente trabalho está organizado em oito capítulos:

O primeiro capítulo ocupa-se com a introdução, estrutura do trabalho, objectivos, problemática, argumento, revisão da literatura que inclui a discussão dos conceitos de (Mémoria, Cultura e Identidade), e a metodologia adotada.

O segundo capítulo abordará sobre os antecedentes históricos do Museu Nacional da Arte, onde se reconstruirá, em primeiro lugar, o contexto de Moçambique durante a colonização e após a independência.

¹ GUNDANE, Reginaldo Albino. Políticas culturais em Mocambique entre Identidade nacional e instancias locais (1975-2009) [s. l.: s. n., s. d] disponível em www.googleacademic.com Acessado a 21 Maio, 2024. 2019, pp. 179-180.

² Ibid, A Campanha Nacional de Preservação e Valorização da Cultura, que decorreu entre 1978 a 1983, foi feito em todo País, por quadros moçambicanos, estrangeiros e contou com a participação de professores. O registo era feito de forma manuscrita e guardado no Arquivo do património cultural, p: 182.

O terceiro capítulo centrar-se-á na criação do Museu, propostas para a montagem das exposições, critérios de selecção das obras e inicio das exposições. Depois, fará se uma abordagem a nível das suas exposições.

O quarto capítulo ocupar-se-á nas transformações no campo artístico, considerando a arte contemporânea na produção artística.

O quinto capítulo vai se centrar nos desafios enfrentados pelo Museu Nacional da Arte face a construção da memória cultural e identidade moçambicana no período em análise.

Assim, o sexto capítulo desbrucha sobre as estratégias adoptadas pelo Museu Nacional da Arte para as transformações na produção artística.

O sétimo falará das estratégias do museu nacional de arte para construir a memória, cultura e identidade moçambicana.

No final, o oitavo, último capítulo trará ilações sob forma de considerações finais a respeito do Museu Nacional da Arte na construção da memória cultural e identidade moçambicana.

1.2. Objectivos

1.2.1. Objectivo Geral

- Analisar como o Museu Nacional de Arte de Moçambique harmonizou a construção da Memória, Cultura e Identidade moçambicana, com base na coleção de obras de arte.

1.2.2. Objectivos específicos

- Identificar as transformações na produção artística moçambicana;
- Descrever os desafios enfrentados pelo Museu Nacional de Arte face a construção da Memória, Cultura e Identidade moçambicana;
- Explicar as estratégias do Museu para se adaptar às transformações na produção artística e para construir a Memória, Cultura e Identidade moçambicana através de obras de arte.

1.3. Problemática

Nos últimos anos, várias realizações de carácter temporário, permitiram aperfeiçoar as concepções iniciais de definir a área de especialidade e atribuições do Museu Nacional da Arte,

em aprofundar o conhecimento na educação estética e participação do público contribuindo para o desenvolvimento cultural da sociedade. Mas os esforços, contribuições e iniciativas não foram suficientes para que o Museu Nacional de Arte tivesse uma coleção diversificada, de qualidade e representativa, subsistindo muitas lacunas em relação a diversos períodos. No entanto, graças ao apoio de vários colaboradores e entidades públicas e privadas tornou-se possível organizar a exposição permanente.³

Contudo, a complexidade dos critérios de seleção das obras, minou a dificuldade de originalidade na criação artística, limitando a preocupação estética de colecionadores e comunidade em geral (Musart, 1987). Desta forma, como único Museu Nacional de Arte existente em Moçambique, tem responsabilidades adicionais que incluem dar respostas às mudanças que decorreram ao longo do tempo, desenvolver as formas de comunicação com o público e expandir os seus programas e actividades como forma a retratar a evolução e o estágio das artes visuais em Moçambique e no Mundo (Musart, 1999).

Mas as recomendações feitas revelavam algumas contradições em presença por um lado,⁴ a criação de uma cultura popular revolucionária que traduzisse as vivências do povo e combatesse a cultura da burguesia praticada durante o colonialismo, e por outro lado a recomendação de divulgar e popularizar novas formas e práticas culturais que haviam sido mediadas pelo colonialismo e com pouca expressão nos centros urbanos.⁵

Além disso, as concepções tradicionais da Arte Primitiva e Arte Rupestre são referência nas formas de expressão, na preservação da memória cultural e na construção da identidade coletiva ao longo do tempo (Lorblanchet, 2009). Mas as pinturas rupestres de levante Espanhol, francesa, sul africana e estados vizinhos têm sido divulgados e as existentes em Moçambique, mantidos dispersas em meios especializados, sem que tenham sido necessárias a propalação.⁶

³ Ver Museu Nacional de Arte: Exposição Permanente.

⁴ Graça Machel, então ministra da Educação e Cultura, recomendou a divulgação de práticas culturais pouco conhecidas e pouco desenvolvida no seio do povo, tais como as artes plásticas e em particular a escultura, pintura e o desenho onde se haviam revelados já potencialidades e talento.

⁵ Costa, 2005, p: 283.

⁶ Oliveira, 2016, p: 49.

Em torno disto, a exploração do Museu Nacional de Arte, juntamente com as metamorfoses na produção artística moçambicana e análise das implicações na busca de uma identidade nacional, permite novas formas de refletir a arte e compreender o seu desenvolvimento em Moçambique.

1. 4. Pergunta de partida

- *Como é que o Museu Nacional de Arte conciliou a construção da Memória, Cultura e Identidade moçambicana, com base na colecção de obras de arte?*

1. 5. Argumento

O Museu Nacional de Arte de Moçambique desempenhou um papel crucial na construção da memória cultural e identidade do país, especialmente ao longo das décadas de 1980 a 2010. Durante esse período o Museu buscou preservar elementos artísticos, por meio de doações e aquisições que impulsionaram a organização de exposições que refletissem a diversidade cultural e as transformações na produção artística moçambicana.

Embora, tenha enfrentado desafios na curadoria de uma colecção diversificada e representativa, o Museu conseguiu ampliar seu acervo com o apoio de colaboradores públicos e privados, mas lacunas de alguns períodos e estilos, levaram o Museu Nacional de Arte à necessidade de uma reflexão mais crítica sobre os critérios de seleção e aquisição de obras que identificassem melhor a realidade histórica e cultural de Moçambique.

Assim, o Museu Nacional de Arte desempenhou um papel crucial na valorização das expressões artísticas moçambicanas, refletindo os esforços do Estado em consolidar a Memória, Cultura e Identidade Nacional.

1. 6. Revisão da Literatura

Este estudo centra-se nas abordagens socio-políticas de Moçambique independente e nos desafios face a construção do património cultural, integrando a diversidade étnica das comunidades moçambicanas. Obviamente, não ignora as abordagens conceptuais sobre Memória, Cultura e Identidade.

1. 6. 1. Mémoire

De acordo com Nunes e Guimarães (2017), Mémoire é a capacidade dos sujeitos de lembrar. Nesse sentido, os autores acima, ressaltam que a memória individual se relaciona com grupos sociais, tornando-se coletiva por meio de interações e imagens compartilhadas. A memória, assim, não só conecta fatos do grupo, mas também contribui para a história oral e a historiografia, sendo uma importante fonte histórica.⁷

1. 6. 2. Cultura

Segundo Nhancalize (2005), Cultura é um conjunto amplo que inclui tanto obras artísticas, regras morais e sentimentos religiosos, quanto objectos utilitários, como casas, vestuários e utensílios. A cultura abrange subsistemas, costumes, tradições e simbolismos que criam e difundem valores espirituais, arte e modos de vida únicos.⁸

Assim, desempenha um papel essencial no desenvolvimento e na difusão de valores espirituais, arte e modos de vida únicos, sendo o motor de qualquer processo de desenvolvimento.⁹

1. 6. 3. Identidade

Segundo Nunes e Guimarães, Identidade é uma construção simbólica baseada na ideia de pertencimento, ela se forma ao longo do tempo, por meio de processos inconscientes, sendo múltipla, fluida e interativa, com identidades que podem convergir ou divergir. Assim, as identidades são construídas em contextos sociais que influenciam as representações e escolhas dos indivíduos.¹⁰

⁷ Nunes, f & Guimarães, I Simpósio Online de História dos Ananins: ensino, pesquisa, extensão. Ananindeua [PA]: Editora Cordovil E-books, 2019, pp: 15-17.

⁸ Nhancalize, Domingos. canção e instrumentos de musica tradicional nos distritos de buzi, dondo e marromeu. na província de Sofala-1. Casa da Cultura de Sofala, 2005, pp: 14-16.

⁹ UEM-CEA. Desenvolvimento e diversidade cultural em Moçambique: Homogeneidade global, diversidade local. Maputo: Teresa Manjate e Carlos Bavo, 2012, p: 10.

¹⁰ Nunes, f & Guimarães, I. Simpósio online de história dos ananins: ensino, pesquisa, extensão. ananindeua [pa]: editora Cordovil E-books, 2019, pp: 23-31.

Entretanto, esses conceitos, memória, cultura e identidade, sugerem a compreensão do conceito de Patrimônio, que é fundamental para uma análise eficaz, contribuindo para entender o Museu Nacional de Arte como um patrimônio cultural. Com efeito, Rocha (2012), sustenta que a discussão sobre patrimônio cultural aborda não apenas a preservação de bens materiais, mas também a valorização das experiências e memórias coletivas ou individuais transmitidas ao longo do tempo. E que essa herança cultural não só fornece insights sobre a história de um país e da sua sociedade, mas também desempenha um papel fundamental na formação da identidade,¹¹ que é segundo Donizete (2017), à compreensão que os indivíduos ou um grupo têm de si mesmo em relação aos outros e na conexão das pessoas com suas raízes.¹²

1. 7. Justificativa

Durante o meu percurso acadêmico, percebi que a história do Museu Nacional de Arte e das artes plásticas em Moçambique carece de estudos aprofundados que destaquem sua relevância como espaço de preservação da memória coletiva, da cultura e da identidade moçambicana. Enquanto instituição dedicada à valorização e salvaguarda das expressões artísticas nacionais, o museu desempenha um papel central na promoção do diálogo entre gerações, permitindo que o rico patrimônio cultural do país seja transmitido e reinterpretado. Contudo, a limitada produção acadêmica sobre o tema dificulta uma compreensão abrangente de sua trajetória.

Assim, esta pesquisa justifica-se pelo potencial de fortalecer o campo das artes e ampliar o reconhecimento do Museu Nacional de Arte como um patrimônio central na construção de narrativas da cultura moçambicana.

¹¹ ver Rocha, Thaís. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJ no XVIII encontro regional (ANPUEH-MG) 25 a 27 de Julho, 2012.

¹² Donizete, 2017, pp: 342-348.

1. 7. 1. Balizas cronológicas

Este trabalho abrange o período de 1989-2010. A escolha desse período deveu-se, primeiro ao facto de ter-se inaugurado o Museu em 1989, com a provação do seu estatuto orgânico pelo decreto n° 20/96, de 11 de Julho,¹³ e o ano de 2010 por tratar-se de um período marcado por espaços alternativos para reflexão da nova era artística.¹⁴

1. 8. Metodologia

De acordo com Lakatos e Marconi (2007), o método histórico consiste na investigação de acontecimentos ou de instituições do passado para compreender suas bases, funções e natureza. Assim, os autores já citados, afirmam que as instituições se modificam de acordo com as mudanças culturais da sociedade, ou seja, pelo contexto cultural de cada época. No entanto, esse tipo de compreensão e estudo permeia os estudos qualitativos.¹⁵

1. 9. Procedimentos da pesquisa

A pesquisa do presente trabalho, foi desenvolvida na Cidade de Maputo e recorreu à revisão da literatura que foi realizada a partir de vários documentos bibliográficos, tanto físicos, como electrónicos que exploram temáticas como artes plásticas em Moçambique. Estes documentos foram recolhidos em parte, no Arquivo Histórico de Moçambique, na Biblioteca Brazão Mazula, da Universidade Eduardo Mondlane, na Biblioteca de Camões do Centro Cultural Português, na Biblioteca do Banco de Moçambique, na Biblioteca da Escola de Artes Visuais, sobretudo, na Biblioteca do Museu Nacional de Arte, e no Departamento de Museus no Ministério da Cultura e Turismo. Além disso, a pesquisa baseou-se também nas entrevistas guiadas e semi-estruturadas com perguntas abertas.

¹³ AHM. MOÇAMBIQUE. Decreto n° 20/96, de 11 de Junho. Estabelece entre outros aspectos, a área de responsabilidade estatal na preservação dos bens materiais e imateriais do património cultural moçambicano. Bolentim da republica. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, 23, 1996. Série I, Suplemento, 3°.

¹⁴ Ver: ACLA. Expo pintura & Escultura: Nova era artística. Maputo, 2009.

¹⁵ Almeida, Ítalo D'Artagnan. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]/Ítalo D'Artagnan Almeida. – Recife : Ed. UFPE, 2021.(Coleção Geografia), p: 20.

CAPÍTULO II: ANTECEDENTES HISTÓRICOS NO PERÍODO COLONIAL E PÓS-INDEPENDÊNCIA EM MOÇAMBIQUE

1. Período Colonial

Durante o período colonial, Moçambique era lar de diversas tradições culturais e grupos étnicos, com os Nyanja nas margens do Lago Niassa; os Macua, nas províncias de Moçambique, Zambézia, Niassa e Cabo Delgado; os Yao, no Niassa; os Maconde, em Cabo Delgado; os Sena, na Zambézia, Manica e Sofala; os Ndaunyai-Shona, em Manica e Sofala; e os Tsonga-Vatsua-Ronga, em Gaza, Inhambane e Lourenço Marques. Cada grupo possuía costumes, organizações militares e línguas próprias.¹⁶

2. Pós-Independência (1975)

Após a independência de Moçambique em 1975, "*Moçambique, país recém-independente, procurava firmar-se culturalmente construindo uma identidade*".¹⁷ Nesse sentido, a cultura foi usada como instrumento político para moldar o "*homem novo*", o maior projeto humano liderado por Samora Machel.¹⁸

2. 3. Ofensiva Cultural e Criação do INAC (1977)

Após o III congresso da Frelimo realizado em Fevereiro de 1977, o partido desencadeou uma campanha de estruturação visando fortalecer a sua base social,¹⁹ foi lançado a Ofensiva Cultural que abrangeu várias formas de arte, como música, dança, teatro popular, literatura e esculturas macondes com o objetivo de criar oportunidades e incluir os anteriormente excluídos.²⁰

Nesse contexto, foi fundado o Instituto Nacional de Cultura (INAC) em 1977, que incentivava a criação artística coletiva e a divulgação de novas práticas culturais que ainda não tinham expressão significativa nos centros urbanos. A iniciativa surgiu em um cenário de "*vazio cultural*", marcado pela ausência de uma classe burguesa nacional expressiva e por um proletariado em formação, sem meios próprios de manifestação cultural.²¹

¹⁶ Gundani, 2019, pp: 146-147.

¹⁷ Costa, 2005, p: 46.

¹⁸ Basílio, 2011. O Projecto visava formar cidadãos moçambicanos libertados do fardo colonial, assim como da cultura tradicional. Citado por Gundani, 2019, p: 178.

¹⁹ Gómez, 1999, p: 273.

²⁰ Gundani, 2019, pp: 179-180.

²¹ Costa, 2005, p: 282.

CAPÍTULO III: CRIAÇÃO DO MUSEU NACIONAL DE ARTE (MUSART)

O Museu Nacional de Arte (MUSART), é uma instituição pública, de carácter cultural e científico ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, dedicada à preservação, estudo e divulgação de artes visuais.²² Esse Museu, foi inaugurado a 18 de Maio de 1989 e aprovado o seu estatuto orgânico pelo Decreto n.º20/96, de 11 de Junho.²³

A sua criação resultou de um projecto antigo que começou a ser esboçado em 1977,²⁴ após a Independência nacional. O Museu Nacional de Arte está instalado num edifício construído em 1964, onde funcionou uma associação dos naturais de Goa.²⁵ O departamento de Museus criado em 1986, foi envolvido no projecto do MUSART, concentrando-se na programação das suas funções, sobretudo, a natureza da função da exposição, identificando a necessidade do pessoal, adaptação do espaço existente às funções do Museu e na procura de meios para concretização.

O grupo de apoio e a museologia suêca trabalharam sobre a proposta da montagem da exposição que preparou-se para abrir à 9 de Novembro de 1987, por ocasião da comemoração dos 100 anos da Cidade de Maputo. A exposição pretendia iniciar o contacto permanente do Museu Nacional da Arte com o público, integrando contrariamente o que não era habitual, as obras que não pertenciam a colecção do Museu, mas sim de diversos colecionadores públicos e privados, entre bancos e outras instituições porque a colecção do Museu possuía muitas lacunas.²⁶

As suas colecções incluíram principalmente a pintura, a escultura, o desenho e a gravura de artistas que viveram e trabalharam em Moçambique e dos principais artistas moçambicanos dos anos 50 como, Bertina Lopes e Roberto Chichoro. A sua colecção integrou também obras de arte que pertenceram a várias instituições coloniais como a Câmara Municipal (actual Conselho Municipal da Cidade de Maputo).

²² Ver: MNA. livro de visitas

²³ MOÇAMBIQUE. Lei n.º 19/96, de 11 de Janeiro. Estabelece entre outros aspectos, a área de responsabilidade estatal na salva guarda e valorização dos bens materiais e imateriais do património cultural moçambicano. Bolentim da república. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, n. 23. Serie I.

Ver também livro de visitantes.

²⁴ ver MNA: Exposição permanente. Maputo, 1987

²⁵ Costa e Teixeira, 2007, p: 5

²⁶ Costa, 2005, pp: 48-50

Ao longo das décadas de 1980-2010, o Museu Nacional de Arte procurou adaptar-se às mudanças que decorreram no panorama artístico nacional e, nesse sentido, encorajou a prática da arte contemporânea e alargou as suas colecções.

O MUSART dispõe de uma exposição permanente que ocupa duas salas e organizou com regularidade, as exposições temporárias na sua área de especialidade. Além disso, o MUSART, contou com um centro de documentação, uma biblioteca para investigadores e outros interessados sobre arte, artistas e colecções de arte, e ofereceu programas educativos, visitas guiadas, palestras e projecções. Além disso, empenhou-se em fornecer ao público, de forma cada vez mais facilitada, informação actualizada. No balcão de recepção do museu estiveram à venda livros, catálogos, postais, Tshirts e objectos diversos.²⁷

3. 1. Propostas para primeiras exposições

A montagem da exposição permanente, foi marcada por propostas de exposições, e o Museu partiu pela arte popular, realizada para celebrar o renascimento do país após anos de colonização.²⁸ Essas propostas caracterizaram-se da seguinte forma:

- **Na primeira proposta:** Eugénio de Lemos (então Director do Museu), sugeriu incluir tanto artistas consagrados quanto jovens, valorizando técnicas e expressões enraizadas nas tradições locais, enquanto reservava-se espaço para artistas estrangeiros que marcaram épocas na vida artística de Moçambique.
- **Na segunda proposta:** Focava na evolução histórica da arte, e a exposição estaria em três salas: colonial, pós-independência e arte tradicional, incluindo a utilização de reproduções fotográficas, colecções de diversas origens para suprir as lacunas do acervo.²⁹

Consequentemente, devido as decisões tomadas seguindo critérios estéticos,³⁰ considerando-se limitações em que se trabalhava caracterizada por ausência de profissionais e com poucos recursos,

²⁷ Costa e Teixeira, 2007, pp: 5-6

²⁸ Costa, 2005, p: 53

²⁹ Costa31, 2005, p. 46-48

³⁰ Costa, 2005, o julgamento estético como factor decisivo na escolha de obras de arte para exposição e apreciação pública fora já muitas vezes questionado. Como argumento contrário, neste caso, apontava-se a arbitrariedade e subjectividade das decisões estéticas, p: 53.

essas propostas eram contestadas o que resultou a não abertura dessa exposição. Para os artistas que não estavam representados, não abrir essa exposição foi uma decisão certa porque mostrava que no país ainda existiam leis e podia se falar de identidade cultural. Pois, entendia-se que a proposta de exposição ao apresentar demasiado número de artistas portugueses que tinham vivido e trabalhado em Moçambique, inferiorizava a cultura nacional.

3. 2. Critérios de selecção

Para além da interconexão entre arte e comunicação, existe uma importância da interpretação estética e a formação da identidade cultural.³¹ Assim, o Departamento de Museus apontou à necessidade de uma investigação mais cuidadosa que conduzisse a um guião de exposição, explicação dos critérios de selecção e de residência, para seleccionar artistas moçambicanos e estrangeiros e critérios pra definir esses artistas quanto a nacionalidade. Pois, esses critérios eram complicados, por isso, para ultrapassar esse problema o Museu criou uma equipe de investigação e recomendou a produção de um guião de exposição permanente detalhado para orientar a montagem da exposição. Essa solução, refletiu a pressão do momento, que estava caracterizado por um número reduzido de profissionais.³²

Pouco tempo depois das propostas negadas para as primeiras exposições, o Museu Nacional de Arte reuniu-se com o Ministério da Cultura e estabeleceu nova decisão de que a exposição permanente seria seleccionada a partir de uma coleção nacional e constituído seguindo os critérios de inovação, técnica e história, sendo o critério histórico o primeiro a ser adoptado,³³ para demonstrar a evolução das artes em diferentes períodos, numa abordagem multidisciplinar moldando a diversidade de estilos das artes como por exemplo, a cerâmica, instalação, pintura, escultura, etc., ampliando a expressividade e constituir o Museu como uma referência das artes plásticas em Moçambique.³⁴ Assim, a exposição permanente do Museu Nacional de Arte foi constituída segundo as obras mais representativas. Conforme explica uma entrevistada:

³¹ Eco, 1972, pp: 17-29.

³² Costa, 2005, pp: 49-50.

³³ Ibid , 2005, p: 54.

³⁴ Entrevista: Marcos (Director do Museu Nacional de Arte), 2024.

*“A exposição foi constituída segundo as obras mais representativas oriundas de diversas partes do país, com artistas nacionais e estrangeiros que acreditava-se terem marcado algumas épocas da história de Moçambique nas suas obras”.*³⁵

3. 3. Início das exposições no Museu Nacional de Arte

A inauguração da primeira exposição do Museu Nacional de Arte foi em 1987, enquadrando-se no âmbito da celebração do primeiro centenário da Cidade de Maputo, constituindo uma oportunidade para refletir e aprofundar a história cultural de Moçambique e Maputo, e salientou o contributo no seu desenvolvimento através da criatividade, gênio inventivo e laborioso que caracterizou a construção da nação.

Com as suas exposições, o Museu Nacional de Arte procurou distinguir, por um lado, a influência que o mundo mítico, a temática e tradições africanas exerciam nas obras dos artistas. E por outro lado, apresentar a diversidade de estilos que caracterizaram as últimas décadas nas artes plásticas em Moçambique.³⁶

3. 3. 1. Exposição Permanente

A exposição permanente inaugurada em 1989 conciliou as duas propostas iniciais, apresentando obras modernas de artistas moçambicanos, selecionadas com critérios de inovação e relevância histórica.³⁷ Mas poucos anos depois da sua inauguração, a exposição permanente foi complementada com uma amostra de desenho e gravura em Moçambique, com vista a divulgação de colecções do Museu que caracterizavam o trabalho de vários artistas. Além disso, à medida em que as colecções do Museu se desenvolviam outros artistas eram apresentados em exposições provisórias.³⁸

³⁵ Entrevista: Alda (Históriadora e curadora do Museu), Maputo, 2024.

³⁶ ver MNA: Exposição permanente, pp: 4-5.

³⁷ Costa, 2005, p: 54.

³⁸ Entrevista: Jorge (Antigo director do Museu Nacional de Arte), Maputo, 2024.
Ver: MNA. Catálogo de exposição permanente sobre as artes plásticas em Moçambique.

3. 3. 2. O primeiro piso da exposição permanente

Seguindo a ordem de apresentação e do catálogo existiu uma composição equilibrada em “*vai nascer o filho do feitiço*”, na obra de Victor Sousa, em que as cores se integram na temática apresentada das faces em círculo, da forma da barriga da grávida, assim o tratamento da matéria revela preocupação que era um pouco titubeante. Nessa temática para reforçar o equilíbrio da obra, relacionou-se com a obra de Sansão Cossa “*o feitiço*”, na qual o traçado bruto e o tratamento textural pouco desenvolvido ajudaram a expressividade horrenda. Além disso, com características habituais de agrado visual de Neguila, em “*2 gritos de Paz*”, de composição correcta e bem equilibrada, foi muito decorativo tornando elementos tradicionais africanos para ajudar o equilíbrio decorativo.

No entanto, Moisés Simbine foi integrado nessa sala com “*Mercado Central*”, em que mais uma vez utiliza uma tela cheia com figuras humanas em um ambiente comercial. De seguida, enquadrou-se dois trabalhos de Agostinho Mutemba referentes a esse grupo, onde o artista fez uma ilustração da produção colectiva e a alfabetização, ai a mesma composição também preencheu a tela de figurinhas humanas.³⁹

Relativamente a Malangatana, “*Ninguém nos ouve*” de Miguel César, apresentou uma construção interna da obra nitidamente dividida em duas maneiras parecendo lhe não funcional quebrando lhe a unidade. As figuras com recordações de Pádua e Bertina não foram tratadas do mesmo modo com os que restaram e que tem um ar de trabalho de arquitetura.⁴⁰ Com a divulgação e restauro pelos técnicos moçambicanos como Jonas Tembe e Afonso Malate, o Museu fez a construção de algumas obras.⁴¹

Assim, o primeiro piso foi estendido por várias Rhandzartes dedicados a exposição permanente do Museu Nacional de Arte, e foram constituídos 52 trabalhos de 33 artistas, entre Escultura, Pintura e Barros. Nesse espaço foram também, representados ao lado de obras de jovens, por essa altura, quase desconhecidos como Silvestre Sitói, e peças de Alberto Chissano, como “*Govane*”.

³⁹ MNA. Domingo, 21 de Janeiro de 1990.

⁴⁰ MNA. Domingo, 25 de Fevereiro de 1990.

⁴¹ Entrevista: Nino (Departamento de Museus), Maputo, 2024.

Além disso, a primeira sala contou com obras de mais antigos produtores como Jacob Estevão, onde ao lado de uma arte dita erudita, tem escultura maconde e os de barros de Reinata.

Nessa perspectiva, a "*Nova na Sala*" e "*Praia*", duas telas de Isabel Martins em que está patente sua ingenuidade feita de muito conhecimento, e o seu contar de histórias numa conversa longa como aquele chão filho de Cargaleiro, e a Praia integrando barcos nas águas. Essa mostra, ao ser complementada com a sala do segundo piso, dará uma ideia do que se fez em termos de Artes Plásticas em Moçambique.⁴²

3. 3. 3. O segundo piso da exposição permanente

No âmbito do segundo piso foram expostas 5 escultores, Chissano, Makamo e Makukule e, dentro da chamada Arte Maconde, Celestino Tomás, Jerónimo Ndinywashwa e Nkabala Amabelicola. Na qual os artistas makondes foram representados em 7 peças, todas elas integradas no género *Shetani*, Celestino Tomás esteve no trabalho completamente realista como "*Liputiputi*", em que apresenta com grande noção da forma o enrolar de uma cobra saindo de um buraco, esses trabalhos foram reduzidas a faces destorcidas criando, sobretudo espaços muito abertos de interpretação. Contudo, "*Kanhamo*", embora pela temática a peça seja um *Shetani*, a sua organização estrutural é de uma *Ujamaa*, com todo bloco de figuras desenvolvendo-se na mesma unidade material, cobras, figuras malsãs, um dragão, portanto, existiu uma influência provável de temas orientais que acentuaram toda sua estranheza com a ligação de uma boca enorme, dentes e língua projectadas na vertical.

Deixando o Chissano e Makamo, outros dois autores patentes no segundo piso, quase ao lado das esculturas makondes, foi Makukule que apresentou o "*7 de Setembro*", trabalho de 1.75 metros de altura, esculpido na parte aproveitável de um tronco corroído por dentro, o seu tema incluiu um conjunto de figuras com armas e punhos erguidos, com isso, através de um tratamento realista mas não académico, uma abordagem não isenta de uma certa naivete, apresentou uma grande expressividade ao trabalho reforçado pela organização das línguas dispostas quase como uma

⁴² MNA. Domingo, 4 de Março de 1990.

Ujamaa em rede de um bloco central e funcionando em roda dele num movimento ascendente e ligeiramente inclinado que apoiava a sua expressividade.⁴³

3. 3. 4. As exposições temporárias

Apesar de incluir artistas estrangeiros em exposições temporárias, a prioridade foi a valorização de artistas locais, enfatizando a identidade cultural moçambicana.⁴⁴ Contudo, dificuldades financeiras e logísticas limitaram a abrangência da colecção. Conforme relata um entrevistado:

*"A exposição ocupava as duas salas que foram e continuam a ser uma limitação do espaço com que o Museu tem permanente de se confrontar"*⁴⁵

Em 1991, o Museu Nacional de Arte e seus amigos do apoio organizou a primeira edição da exposição colectiva, hoje mais conhecida como "*Anual*", uma apresentação periódica de exposições que mostram a produção artística mais recente e que criou hábito de exigência de qualidade, com critérios de selecção cada vez mais elevados, por isso, pretendendo corresponder as exigências de qualidade eram oferecidos prémios considerados apelativos.⁴⁶

Na edição de 1991, o Museu equilibrou a apresentação de artistas consagrados, como Malangatana e Chissano, com a promoção de novos talentos. Apesar de limitações financeiras e estruturais participaram nessa exposição temporária, mais de quarenta artistas que representaram diferentes regiões, alguns desses artistas foram: Bata Carlos, Eugénio Lemos, Fátima Fernandes, Nafital Langa, Nanguib, Sanssão Cossa, Mankew, Victor Sousa, Isabel Martins, Ídasse, Ubisse, entre outros. Essas edições, aconteciam sempre, sobretudo por ocasião da comemoração do dia 25 de Junho, dia da Independência Nacional, e houveram sempre novos desenvolvimentos nos anos seguintes.

⁴³ MNA. Domingo, 22 de Julho de 1990.

⁴⁴ Costa, 2005, p. 54.

⁴⁵ Entrevista: Dionísio Serviços educativos), Maputo, 2024.

⁴⁶ Costa, 2005, pp: 343-345.

A segunda exposição temporária foi realizada em 1992, e atraiu artistas novos e para alguns era a primeira vez a expor no Museu Nacional de Arte. Mas em edições seguintes,⁴⁷ houve desafios na validação artística, já que muitos artistas renomados evitavam participar de concursos, e preferiam convites especiais ou exposições individuais, como Naguib em 1994, que priorizava explorar novas formas em vez de participar de coletivas.⁴⁸

Além disso, havia dificuldade em integrar diferentes gerações e estilos artísticos, conciliando tradição e inovação técnica e estética, essas iniciativas mostraram tanto os limites quanto a importância do Museu na promoção da diversidade artística em Moçambique⁴⁹

3. 3. 4. 1. Anual TDM e Biena o Concurso Descoberta

A partir de 1995, esses eventos aconteceram num momento em que crescia o número de artistas novos em meio a fragilidades dos papéis do Estado, do sector privado, da sociedade civil, intervenção na esfera cultural, cenário de pós-guerra, de construção da paz e reconciliação, preocupações nacionais, com relações complicadas, internacionalismo e globalização. Assim, em 1998 procurou-se uma saída se incentivando a modalidade, o desenho até aí pouco visível e com monopólio de artistas como Malangatana, Ídasse, Mankew, Machiana, Shikhani e um número de participantes maior, muitos artistas novos tiveram visibilidade nessa ocasião e hoje são reconhecidos.

No ano de 1999, a *Anual* sucedeu-se com mesmas características do ano anterior, mas desde 2000 incluiu duas fases temporárias, uma apresentando artistas convidados e outra os artistas concorrentes.⁵⁰ Com a sequência dessas exposições em 2005, verificou-se o encorajamento à artística da mulher no domínio das artes plásticas e ganhou lugar de destaque com a iniciativa da exibição da arte assinada no feminino, onde a realização da 6ª edição potenciou as artistas e o MUSART momentos ímpares e assinaláveis de contacto e intercâmbio.

⁴⁷ Ibid, pp. 344-345

⁴⁸ Costa, 2005, pp: 56 & 344.

⁴⁹ Ibid, pp: 343-345

⁵⁰ Ibid, p: 346.

Com efeito, a produção artística feminina apresentou varias propostas valiosas e encorajadoras no campo das novas abordagens e linguagens da arte contemporânea, com esforços na consolidação da produção em modalidades tradicionais como pintura, moldando a presença prestigiante em Outubro de cada ano nas instalações do Museu Nacional de Arte. Essas edições contaram com artistas convidados e maior abrangência com apresentações de Anésia Mandlate em cerâmica e instalação, Madoricane em assemblage, Vânia de Lemos, Myriam Rocuts e Carla Rodrigues em técnica Mista.⁵¹

⁵¹ Ver: MNA. Exposição Arte Assinada no Feminino 2005: De 13. 10. a 13. 11. 2005. Maputo, 2005

CAPÍTULO IV: TRANSFORMAÇÕES NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA EM MOÇAMBIQUE NAS DÉCADAS DE 80 Á 90

No âmbito das Artes Plásticas da República Popular de Moçambique, pintores como Picasso, Matisse, Vladiminck, Franz Marc e Nolde, reconheceram no princípio do século XX a extraordinária força expressiva da escultura africana, considerando-a digna de figurar a arte grega ou gótica,⁵² ou qualquer outra, até então considerada como o ponto máximo da criação humana. Nesse período, Moçambique contava com centenas de escultores, uns anónimos e outros com nomes conhecidos no campo das artes plásticas, de entre os quais, nos mais representados consta Chissano, e outros artistas mais importantes como Afonso Pundana, Jerónimo Dinhuana, Makamo, Oblino, Nkabala, Rafael Nkatunga, Tobias Mause e Tukaula numa escolha criteriosamente feita no Museu Nacional de Arte, mas a escultura evoluiu de forma rápida ao longo dos séculos.⁵³

4. 1. Arte na sociedade tradicional

Na sociedade tradicional, a arte tinha principalmente uma função mágico-religiosa, as esculturas de antepassados e máscaras eram feitas obedecendo as normas de rituais preciosos, o que lhes proporcionava uma certa rigidez de formas,⁵⁴ com muitos dos objectos de carácter prático e utilitário. Ao longo dos tempos o trabalho empregue em muitas dessas obras, bem como a composição e expressividade delas alcançadas, as faz se destacar como peças de alta qualidade estética,⁵⁵ um exemplo são as portas esculpidas de algumas casas, as cadeiras dos chefes, as gamelas e colheres usadas na alimentação.

⁵² Ubiratane, 2021, O gótico é como um dos conceitos norteadores da estética de Ernst Bloch, defendido na hipótese de que surge no Espírito da utopia não só como oposição ao estilo egípcio e ao estilo grego, mas como oposto à frieza do mundo europeu do século XX sustentada pela utilização da técnica em prol exclusivo do capital, p: 226.

⁵³ Ver: MNA. Catálogo de exposição permanente sobre as artes plásticas em Moçambique

⁵⁴ Ibid

⁵⁵ Herwitz, Daniel, 2010, aborda estética como uma disciplina filosófica complexa, focada na compreensão profunda da arte e suas implicações culturais. Não se restringe a análise de formas de beleza, mas abrange questões como significado, identidade e experiência, sendo influenciada pelos debates sobre gosto e o julgamento estético que são temas centrais na filosofia desde o iluminismo. Na modernidade lida com os desafios das novas mídias e da arte contemporânea, onde formas tradicionais de análise são frequentemente repensadas a abarcar formas emergentes e novas expressões culturais. Essa complexidade surge porque a arte contemporânea se desvia das formas clássicas e do apelo ao “belo” e passa a incluir instalações, vídeo-arte, arte performática e outros meios que podem priorizar a experiência, a provocação social sobre o formalismo estético.

4. 2. Arte no tempo colonial

Durante o tempo colonial, a criação artística como a pintura e a escultura, foi-se desenvolvendo, assumindo um carácter de resistência. Mas com o início da luta de Libertação, a Cultura assumiu o papel importante no combate ao tradicionalismo e a arte foi um motor importante na transformação da sociedade, a partir das raízes culturais do passado histórico, desenvolveu novas formas para melhor traduzir os valores da sociedade. Com efeito, a pintura moçambicana que se desenvolveu nos anos 40, tornou-se numa grande riqueza e diversidade.⁵⁶

4. 3. Arte contemporânea

A arte contemporânea possui dois significados principais no contexto da arte ocidental. Primeiro, como uma categoria cronológica, refere-se à arte criada desde os anos 1945-1960 até o presente. Segundo, como uma categoria estética ou artística, também chamada de "pós-moderna", aborda uma parte da produção estética dos dias atuais.

Essa arte rompe com os padrões tradicionais ao expandir sua prática para além dos gêneros clássicos, como pintura, escultura e desenho. Ela adota materiais e processos do cotidiano, introduzindo novas linguagens, como instalação, performance, fotografia, cinema, vídeo e documentação. Além de representar o mundo, a arte contemporânea busca intervir nele, criando universos possíveis e modos de existência no real.⁵⁷

Em Moçambique, a arte contemporânea trouxe mudanças significativas. Artistas começaram a questionar o sistema artístico tradicional, incorporando novas técnicas e linguagens, enquanto alteravam a relação do espectador com a obra, que passou a ser mais participativa.⁵⁸ Na África, a arte contemporânea é associada ao período pós-colonial, abrangendo o período desde os anos 50 até os dias de hoje.⁵⁹

⁵⁶ Ver: MNA.Artes Plásticas da República Popular de Moçambique: 14 a 19 de Outubro. Porto, 1983.

⁵⁷ Costa, 2005, pp. 78-79.

⁵⁸ Dias, 2015, pp. 7-8.

⁵⁹ Costa, 2005, p. 79.

CAPÍTULO V: DESAFIOS ENFRENTADOS NA CONSTRUÇÃO DA MÉMORIA, CULTURA E IDENTIDADE NO MUSEU NACIONAL DA ARTE

Valorizar o património cultural significa, entre outras acções, inventariar, documentar e divulgar as várias manifestações da cultura material e espiritual dos moçambicanos.⁶⁰ Nesses termos, o Museu Nacional de Arte enfrentou os seguintes desafios:

5. 1. Garantir a sistematização e integração das iniciativas culturais nos âmbitos provincial e distrital para divulgação no Museu Nacional de Arte

Em 1988, o Diploma Ministerial n° 76 e 77/88, de 18 de Maio, reorganizou as estruturas educacionais e culturais, criando direcções provinciais e distritais de educação e cultura. Com base no Decreto n° 52/87, de 30 de Dezembro, foi estabelecido que os serviços provinciais de cultura estariam subordinados ao Ministério da Cultura e aos governadores provinciais. Suas tarefas incluíam a identificação e inventariação do património cultural, bem como a promoção artística e o incentivo às iniciativas comunitárias.⁶¹

5. 2. Limitação do espaço físico

Embora o Museu tenha investido na formação de pessoal, e do espaço criando áreas como uma reserva técnica, oficina de conservação, biblioteca, arquivo e sala para exposições temporárias, o edifício continuou inadequado para suportar o volume das actividades e cumprir plenamente as suas funções. Sobretudo na montagem das exposições temporárias.⁶²

5. 3. A necessidade de receber exposições estrangeiras no Museu Nacional de Arte e de organizar exposições moçambicanas no exterior

Essa dinâmica era essencial não apenas para a troca de experiências técnicas entre artistas nacionais e estrangeiros, mas também para promover o crescimento e o reconhecimento internacional das artes visuais de Moçambique.

⁶⁰ MNA. Novos Rumos: Exposição de escultura Makonde Contemporânea 1988-1989. p: 2 3.

⁶¹ AHM. DIPLOMA MINISTERIAL N° 4/89 de 11 de Janeiro. Criação de serviços províncias e distritais de cultura

⁶² Entrevista: Dionísio (Serviços educativos), Maputo, 2024

Esses eventos permitiram ao público avaliar o progresso das artes visuais moçambicanas ao longo dos anos e, ao mesmo tempo, fortaleceram a visibilidade cultural do país a nível internacional. No entanto, o desafio residia em assegurar os recursos, a logística e as parcerias necessárias para sustentar a realização contínua dessas iniciativas, que eram fundamentais tanto para o intercâmbio cultural quanto para o posicionamento de Moçambique no cenário artístico global.⁶³

5. 4. A representação da exposição de arte Makonde em Paris em 1989

Destacou a escassez de peças modernas nas coleções do Estado como um desafio. Para superar essa limitação, o Museu Nacional de Arte mobilizou artistas makondes residentes em Moçambique, que trabalharam por meses em Maputo para criar obras destinadas à seleção para a exposição.

A qualidade das peças produzidas entusiasmou o Museu, levando à inclusão de obras de mérito tanto do Estado quanto de coleções privadas. Essa iniciativa não apenas supriu a necessidade imediata, mas também fortaleceu a valorização dos valores culturais e consolidou a escultura moderna makonde como uma das mais originais escolas de arte africana contemporânea.⁶⁴

⁶³ MNA. Expo Annual Musart, 1999, pp: 3-5.

⁶⁴ Exposição de escultura makonde contemporânea. Museu Nacional de Arte. Maputo. 1988-1989. pp: 1-2.

CAPÍTULO VI: ESTRATÉGIAS DO MUSEU NACIONAL DE ARTE PARA AS TRANSFORMAÇÕES NA PRODUÇÃO ARTÍSTICA

Diante das transformações na produção artística, o Museu Nacional de Arte implementou estratégias focadas na adaptação às novas práticas, preservação das tradições e promoção de talentos, garantindo o desenvolvimento e a valorização da arte moçambicana. Essas estratégias foram feitas da seguinte forma:

6. 1. Adaptação do Museu ao desenvolvimento de novas práticas artísticas

O Museu Nacional de Arte acompanhou o desenvolvimento de novas práticas artísticas, garantindo o registro e divulgação dessas manifestações artísticas.⁶⁵ Além disso, procurou adaptar-se as mudanças no panorama artístico nacional, e nessa perspectiva, encorajou a prática da arte contemporânea.⁶⁶

6. 2. Utilização de novos materiais e formas de produção das artes plásticas

Com a evolução das formas de produção artística, o Museu incorporou o uso de novos materiais, como os reciclados, nas artes plásticas.⁶⁷ Além disso, destacou-se a exploração da escultura baseada em tronco e madeira, que serviu de material e possibilitou várias relações de formas na procura de um espaço de reflexão cultural, estabelecendo pontes entre a comunidade e a arte contemporânea, uma vez que a tradição influencia a construção do pensamento e os resultados que se encontram no trabalho artístico.⁶⁸

6. 3. Mobilização de artistas makonde na criação de obras

Para suprir a escassez de peças modernas, sobretudo, para exposição realizada em Paris em 1989, o Museu mobilizou artistas Makonde moçambicanos para criar obras que foram selecionadas para o evento. A qualidade das peças produzidas impulsionou o Museu a incluir algumas delas em

⁶⁵ Entrevista: Cândido (Técnico do Museu), Maputo, 2024.

⁶⁶ Costa e Texeira. Museus de Moçambique. Maputo, 2007.

⁶⁷ Entrevista: Dionísio, (Serviços educativos do Museu), Maputo, 2024

⁶⁸ VerACLA Expõe Pintura e Escultura, 2009.

coleções públicas e privadas, fortalecendo os valores culturais moçambicanos e a confiança no futuro do setor artístico.⁶⁹

6. 4. Incitação de novos talentos com apoio da Escola de Artes Visuais

Na década de 1990, o movimento de arte contemporânea cresceu significativamente, com a participação activa de centros culturais, associações de artistas, a Escola de Artes Visuais e eventos como Bienais e exposições anuais.⁷⁰ O Museu incitou novos talentos, oferecendo oportunidades em exposições, enquanto a Escola de Artes Visuais promovia trocas estéticas e novas formas de expressão artística.⁷¹

⁶⁹ Exposição de escultura makonde contemporânea. Museu Nacional de Arte. Maputo. 1988-1989. pp: 1-2.

⁷⁰ Costa, 2005, pp. 384-385

⁷¹ Entrevista: Dionísio, (Serviços educativos do Museu), Maputo, 2024

CAPÍTULO VII: ESTRATÉGIAS DO MUSEU NACIONAL DE ARTE PARA CONSTRUIR A MEMÓRIA, CULTURA E IDENTIDADE MOÇAMBICANA

7. 1. Promoção da Colecção das TDM nas exposições

Uma das colecções de arte que tinha sido desenvolvido sem cessar e que foi constituído nos anos 80 foi a colecção das TDM, até 1991 algumas obras dessa colecção foram expostas no Museu Nacional de Arte, permitindo que o público tivesse acesso a obras que representavam a riqueza cultural e a criatividade moçambicana. Ao tornar essas obras acessíveis, o Museu desempenhou um papel essencial na valorização e disseminação do património artístico nacional.⁷²

7. 2. Aquisições e doações

O Museu Nacional de Arte, mesmo enfrentando limitações financeiras, expandiu sua colecção. Foram realizadas negociações com artistas, que, reconhecendo a importância da preservação cultural, cederam suas obras a preços reduzidos ou as doaram. Além disso, o Museu firmou parcerias com empresas, instituições e projectos, como o Projecto Arte Makonde, que não apenas documentou o trabalho de artistas jovens, mas também permitiu a aquisição de peças significativas. Essas iniciativas ajudaram a enriquecer o acervo do Museu e a preservar a diversidade artística do país.⁷³

7. 3. Exposições temporárias e anuais

Desde 1991, as exposições temporárias, como figuras 7 e 8, e a Exposição Anual de Artes Plásticas, divulgaram não apenas as obras da colecção do Museu, mas também o trabalho de novas gerações de artistas, criando oportunidades para sua inserção no cenário artístico nacional e internacional. Essas exposições criaram um espaço contínuo de interação entre os artistas e o público.⁷⁴

⁷² Costa, 2005, p: 348

⁷³ Costa, 2005, p: 57; Entrevista: Alves (Finanças do Museu), Maputo, 2024

⁷⁴ Ibid

7. 4. Promoção da diversidade artística

O Museu Nacional de Arte desempenhou um papel crucial na promoção da diversidade artística, organizando exposições que destacaram tanto a arte tradicional quanto a contemporânea. A arte makonde, em particular, foi amplamente representada, abrangendo desde objectos rituais e utilitários decorados até esculturas modernas e xilogravuras.

Ao integrar produções de varias partes do país, acompanhado o percurso de alguns escultores já reconhecidos e divulgados nos anos 80, essas exposições ajudaram a preservar e promover seleções feitas em Cabo Delgado, Nampula e Maputo, com obras como a escultura e xilogravura, apresentados em *Shetani* (Espíritos), um estilo prevalecente e criativo no conjunto da produção actual, em que se poderá ver a maior abstracção representado nas obras de Idovo, uma aldeia dos arredores de Moeda.

Nesta colecção foi representada também esculturas em estilo *Shetani* mais realista, nas obras produzidas por Inácio e Lábios Shijelu, e outros escultores da mesma família ou aprendizado. Além disso, apresentou se também o estilo *Ujama* (família), de esculturas de Pedro Feliciano Namba e Bernardo Lázaro Nagwalate (Bernardo Muimba), da aldeia de Mpeme em Mueda, e Lidodoali Joaquim. Assim, esse conjunto de esculturas permitiu acompanhar a produção recente de artistas já conhecidos como Nkabala Amabelikola, Miguel Valinge, Celestino Tomás e Renata Sadimba e outros artistas plásticos que promoveram o legado cultural e valorizaram a riqueza das expressões artísticas regionais.⁷⁵

7. 5. Valorização da arte contemporânea

Nos anos 80, iniciou-se um movimento para individualizar e valorizar artistas moçambicanos contemporâneos. Nomes como Matias Ntundo, Inácio Shijelu e Reinata Sadimba ganharam destaque em exposições como a *Novos Rumos* (1988-1989), realizada no Museu Nacional de Arte. Essa iniciativa não apenas documentou as obras desses artistas, mas também estabeleceu um marco

⁷⁵ MNA. Arte Makonde Caminhos Recentes Exposição, Maputo, 1999, pp: 2-5.

no reconhecimento da arte contemporânea como uma ferramenta de preservação cultural e de expressão das transformações sociais do país.⁷⁶

7. 6. Preservação e restauração do patrimônio artístico

Em 2002, o Museu, em parceria com o Instituto Camões, realizou uma exposição que destacou a importância da restauração e preservação do patrimônio artístico. Obras de artistas portugueses residentes ou não em Moçambique, como Columbano, Rui Filipe e Frederico Ayres, foram restauradas por técnicos moçambicanos, Jonas Tembe e AFonso Malate, com apoio de especialistas portugueses. Antes dessa iniciativa, muitas dessas obras estavam dispersas em edifícios governamentais, como na Câmara Municipal de Lourenço Marques, e em mau estado devido às condições climáticas e estruturais. A exposição dessas obras de pintura, escultura, desenho e gravura sensibilizou a comunidade para a preservação do patrimônio e destacou o contraste entre passado e presente na valorização da memória artística. Essa iniciativa integrou as duas coleções, do Museu Nacional de Arte e do Instituto Camões, e convidou um olhar para este patrimônio artístico e o que apresentava na memória coletiva.⁷⁷

7. 7. Contraste entre passado e presente na exposições

As exposições realizadas pelo Museu apresentaram uma abordagem única contrastando obras antigas com peças contemporâneas. A primeira sala do Museu exibiu arte tradicional com funções sagradas, figura 4, representando entidades míticas e elementos do cosmos moçambicano. Essas obras, mesmo deslocadas de seus contextos originais, continuaram a inspirar artistas modernos e fortaleceram o enraizamento cultural. Na segunda sala, foram exibidas obras contemporâneas que refletiam os conflitos históricos, como a colonização, e a luta pela preservação da identidade cultural africana.⁷⁸

⁷⁶ Ibid

⁷⁷ Ver: MNA. Catálogo de exposição permanente

⁷⁸ Ibid

7. 8. Integração de arte tradicional e contemporânea

Exposições como o Projeto Arte Makonde promoveram a integração entre arte tradicional e contemporânea, demonstrando a continuidade e a evolução das expressões artísticas em Moçambique. Obras de arte como xilogravuras e esculturas modernas foram expostas lado a lado com objectos tradicionais que eram feitos para uso ritual ou para venda a turistas. Essa abordagem não apenas enriqueceu o acervo do Museu, mas também conectou o passado cultural e o presente artístico do país.⁷⁹

7. 9. Parceria entre instituições culturais

A colaboração entre o Museu Nacional de Arte e o Instituto Camões fortaleceu o diálogo cultural entre Moçambique e Portugal. As exposições conjuntas apresentaram o património artístico de ambos os países, destacando a importância da cooperação na preservação e divulgação da arte. Essa parceria não só contribuiu para a preservação de obras, mas também promoveu a conscientização sobre a importância do património artístico na construção da memória coletiva.⁸⁰

⁷⁹ MNA. Arte Makonde Caminhos Recentes Exposição, Maputo, 1999, pp: 2-5

⁸⁰ MNA. INSTITUTO CAMÕES EM MAPUTO e MUSEU NACIONAL DE ARTE. Mostra de pintura portuguesa do período anterior à independência da colecção do acervo de arte do Instituto Camões em Maputo

CAPÍTULO VIII: CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho procurou compreender o percurso do Museu Nacional de Arte, desde a sua abertura em 1989 até 2010, olhando para a construção da Memória, Cultura e Identidade moçambicana.

A colecção do Museu Nacional de Arte, reuniu obras aceitáveis no que diz respeito a construção da memória cultura e identidade moçambicana, impulsionando a uma reflexão tanto ao público visitante, assim como aos artistas, investigadores, colecionadores e os demais interessados na arena cultural, sobretudo, no desenvolvimento das artes plásticas em Moçambique.

Entre 1989 a 2010, o Museu Nacional de Arte mostrou-se ter superado os desafios iniciais, pois, contava com uma maquina funcionária a consolidar as colecções que vinham sendo construídas ao longo dos anos e, particularmente, marcou o início de varias exposições temporarias individuais e colectivas de artistas mocambicanos, com alguns artistas expondo no Museu Nacional de Arte pela primeira vez. Além disso assinalou o início da Bienal a nivel das exposições anuais, incluindo de arte marcada no feminino.

Muitos elementos foram implementandos no Museu, portanto, foi um periodo crucial na qual o Museu testemunhou uma virada importante em termos de artes, com o surgimento do movimento arte contemporânea nos anos 80 e 90 e outros projectos alinhadas. Passou por um período de grandes desafios, contudo, mais de cinco bienais foram organizados no Museu Nacional de Arte.

Entretanto, preservando tanto as mais antigas práticas artística (arte tradicional), quanto as mais recente (arte contemporânea), o Museu Nacional de Arte foi sempre um depositário da história das culturas moçambicanas, e nessa perspectiva, com a documentação artística das artes visuais tornou-se catalisador contribuindo com o conjunto de obras extremamente importantes que reúnem narrativas históricas que moldaram a formação da nova identidade. Sobretudo, pela particularidade das artes em marcar períodos e acontecimentos que nem sempre oferecem leituras e respondem, mas também deixam espaços para questionamentos, nesse sentido o Museu destacou a sua importância com suas obras que retrataram períodos bastante fortes da história, claro, resultando da produção dos artistas em Moçambique.

Ademais, feita de critérios que obedeceram a representatividade, as colecções das exposições do Museu Nacional de Arte integraram artistas de todas regiões de Moçambique. Além disso, o Museu não apenas criou espaços que inseriram trabalhos de artistas estrangeiros que não estavam representados, cujo marcaram determinados períodos, mas também alargou suas actividades organizando exposições temporarias que permitiram acompanhar o desenvolvimento das artes plásticas em Moçambique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes do arquivo

MOÇAMBIQUE. Lei n° 19/96, de 11 de Janeiro. Estabelece entre outros aspectos, a área de responsabilidade estatal na salva guarda e valorização dos bens materiais e imateriais do património cultural moçambicano. Boletim da República. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, n. 23. Serie I.

MOÇAMBIQUE. Diploma ministerial n° 4/89 de 11 de Janeiro. Criação de serviços provinciais e distritais de cultura. Boletim da República. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique, n. 2. Serie I.

Jornais

MNA. Domingo: Rhandzarte "permanente" do Museu Nacional de Arte. As obras a 2 Dimensão do primeiro piso. Maputo: [s. n], 21 de Janeiro de 1990

MNA. Domingo: Rhandzarte "permanente" do Museu Nacional de Arte. A escultura do 2º piso (II). Maputo: [s. n], 22 de Julho de 1990.

Revistas

MNA. ACLA Expõe Pintura e Escultura: Nova era Artística. Maputo, 2009

MNA. BANCO DE MOÇAMBIQUE. Conheça o Museu. [s. n, s. d].

MNA. Arte Makonde Caminhos Recentes: Exposição Fortaleza / Maputo Abril-Maio 1999. Maputo: Ministério da Cultura – Departamento de Museus, [s. d].

MUSEU NACIONAL DE ARTE. Exposição Arte Assinada no Feminino 2005: De 13. 10. A 13. 11. 2005. Maputo: [s. n], 2005.

MUSEU NACIONAL DE ARTE (Direção). Novos Rumos: Exposição de escultura Makonde contemporânea 1988-1989. Maputo: Ministério da Cultura – direcção Nacional do património cultural-Museu Nacional de Arte, [s. d].

MUSART. Exposição Anual. Maputo: M L Graphis, 1999.

Entrevistas

Entrevista: Dionísio (Serviços educativos), Maputo, 8 de Outubro de 2024.

Entrevista: Álvés (Finanças do Museu), Maputo, 10 de Outubro de 2024.

Entrevista: Cândido (Técnico), Maputo, 18 de Outubro de 2024.

Entrevistas: Alda (Historiadora), Maputo, 11 de Novembro de 2024.

Entrevista: Marcos (Director do Museu Nacional de Arte), 15 de Novembro de 2024.

Entrevista: Jorge (Antigo diretor), Maputo, 18 de Novembro de 2024.

Entrevista: Nino Bene (Departamento de Museus), Maputo, 20 de Novembro de 2024.

Artigos

DONIZETE, Rodrigues. Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos. [s. l: s. n], 2017. Disponível em www.Googleacadémico.com Acessado a 13 de Maio de 2024.

GUNDANE, Reginaldo Albino. Políticas culturais em Mocambique entre Identidade nacional e instancias locais (1975-2009) [s. l: s. n, s. d] disponível em www.googleacademico.com Acessado a 21 Maio, 2024.

ROCHA, Thaís. Refletindo sobre memória, identidade e patrimônio: as contribuições do programa de Educação Patrimonial do MAEA-UFJF. [s. l: s. n], 2012. Disponível em www.Googleacadémico.com Acessado a 13 de Maio de 2024.

UBIRATANE, Rodrigues. A árvore da vida como metáfora do gótico em ernst bloch. Revista Dialectus. pp: 226-244. n° 21. Jan/Abril. Disponível em www.Googleacadémico.com Acessado a 19 de Outubro de 2024.

Teses

COSTA, Alda. Arte e Museus em Moçambique: Entre a construção da nação e o mundo sem fronteiras (c. 1932-2004). [s. l: s. n], 2005.

Livros

COSTA, Alda e TEXEIRA, Sara. Museus de Moçambique. Maputo: Departamento dos Museus /DINAC / MEC e EPM-CELP, 2007

DIAS, Jorge. Expressão do olhar olhar de expressão: Pintura. Maputo: Camões Instituto da Cooperação e da Língua, 2014.

DIAS, Jorge. Lugares de passagem: Centro cultural franco-Moçambicano 04 a 29 de Agosto de 2015. Maputo: CIEDIMA Lda, 2015.

ECO, Umberto. A definição da arte: Arte e comunicação. Lisboa: edições 70, LDA, 1972

INSTITUTO CAMÕES EM MAPUTO e MUSEU NACIONAL DE ARTE. Mostra de pintura portuguesa do período anterior à independência da colecção do acervo de arte do Instituto Camões em Maputo. [s. l: s. n, s. d].

GÓMEZ, Miguel. Educação Moçambicana: História de um processo 1962-1984. Maputo: Livraria Universitária, 1999.

HISTÓRIA DA ESCULTURA: Os mestres da arte, da pré-história aos nossos dias. Porto: Enza Fontana, 2000.

HERWITZ, Daniel. Estética: Conceitos-Chave em filosofia. Porto Alegre: Carlos Soares, 2010.

ÍTALO D'ARTAGNAN, Almeida. Metodologia do trabalho científico. Recife: Ed. UFPE, 2021.

LORBLANCHET, Michel. As origens da arte. Lisboa: Facsimile Lda, 2009 MUSEU NACIONAL DE ARTE. Exposição permanente. Maputo: [s. n], 1987

MUSEU NACIONAL DE ARTE. Artes Plásticas da República Popular de Moçambique: 14 a 19 de Outubro. Porto, 1983.

NHANCALIZE, Domingos; CAFUQUIZA, José; et al. Canção e Instrumentos de Musica Tradicional nos Distritos de Buzi, / Dondo e Marromeu. Beira: Imprensa Universitaria, 2005.

NUNES, Francivaldo Alves; GUIMARÃES, Athos Matheus da Silva [orgs.] I Simpósio Online de História dos Ananins: ensino, pesquisa, extensão. Ananindeua [PA]: Editora Cordovil E-books, 2019. Disponível em: www.simpoananindepe.blogspot.com Acessado a 3 jun, 2024.

OLIVEIRA, Octávio. A arte rupestre em Moçambique: Boletim da comissão dos monumentos da província de Moçambique. [s. l: s. n, s. d].

UEM-CEA. Desenvolvimento e diversidade cultural em Moçambique: Homogeneidade global, diversidade local. Maputo: Teresa Manjate e Carlos Bavo, 2012.

Anexos



Figura 2: Escultura, Pessoas da antiguidade.
Fonte: Museu Nacional de Arte (2024).



Figura 3: Pintura, Marribeiros.
Fonte: Museu Nacional de Arte (2024).



Figura 4: Escultura, Nhamussoro.
Fonte: Museu Nacional de Arte (2024).



Figura 5: Pintura, Oh sol da minha terra.
Fonte: Museu Nacional de Arte, exposição temporária (2024).



Figura 6: Pintura, Alfabetização.
Fonte: Museu Nacional de Arte (2024).



Figura 7: Colectiva Arte Assinada no Feminino.

Fonte: Livro da Alda Costa, foto capturada em 2004 na Exposição temporária



Figura 8: Colectiva Arte Assinada no Feminino.

Fonte: Livro da Alda Costa, foto capturada em 2004 na Exposição temporária



Figura 9: Cerâmica, instalação.

Fonte: Museu Nacional de Arte (2024).